

Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio

> São Paulo 2011



UNESP - Universidade Estadual Paulista

Pró-Reitoria de Pós-Graduação Rua Quirino de Andrade, 215 CEP 01049-010 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 5627-0561 www.unesp.br



Governo do Estado de São Paulo Secretaria de Estado da Educação

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas Gabinete da Coordenadora Praça da República, 53 CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP









SECRETARIA DA EDUCAÇÃO





Sumário

Vídeo da Semana	3
O computador como instrumento no ensino de línguas	3
2.1 - Breve histórico- computador e ensino de LE	3
Vamos refletir	11
Bibliografia	12
2.2 - A auto-aprendizagem e o ensino mediado pelo computador	13
2.3 - Internet e ensino de línguas	17
Vamos refletir	20
Referências:	20





tema



O computador como instrumento no ensino de línguas

2.1 - Breve histórico- computador e ensino de LE

No ensino de LE, o computador é visto como um recurso com grandes possibilidades de proporcionar situações de aprendizagem. Com objetivos bem definidos dentro do programa do curso, se bem empregado, o computador pode desempenhar um papel importante no processo de ensino/aprendizagem.

As tecnologias de informação e comunicação, como veremos, são recursos que oferecem opções valiosas de atividades.





O uso do computador, a princípio, apesar de ser um recurso moderno, estava apenas ligado à aprendizagem programada, num cenário igual ao dos laboratórios de línguas (audio-visuais) e a criação e aplicação dos programas refletiam a postura mecanicista e estruturalista da época. Isso não representa uma crítica, pois sabemos que a reprodução de um modelo é sempre parte integrante e necessária dentro de um processo de ampliação de novos conhecimentos.

Na *instrução programada* os conteúdos a serem ensinados eram apresentados cuidadosamente organizados em ordem crescente de dificuldades, as unidades constando de vários exercícios que o aluno deveria fazer e repetir, caso errasse. A preocupação com as estruturas da língua e das regras era visível nessas tarefas orientadas para a formação de hábitos, através de atividades de estímulo-resposta.

Hoje, CALL (*Computer Assisted Language Learning*) ou Aprendizagem de Línguas Assistida por Computador - é o termo mais comum para descrever o uso do computador como parte do curso de línguas.

Segundo Christopher Jones e Fortescue (1987, p. 5), há duas visões distintas com respeito ao CALL: a visão tradicional apresentada inicialmente, onde os programas destinam-se a "apresentar, reforçar e testar" a língua enquanto estrutura formal e uma visão mais voltada para o uso da língua estrangeira numa situação comunicativa real. Segundo esses autores, a visão tradicional equivoca-se em uma série de aspectos importantes como:

- "1. Usa o computador para apresentar regras, exemplificar, apresentar exercícios, testar e corrigir, pode implicar na substituição do professor pela máquina, ou seja, uso total da máquina para a "auto aprendizagem".
- 2. Sugere que as lições do CALL sejam determinadas somente pela interação aluno/computador, e desta forma negligencia as considerações metodológicas nas quais o professor desempenha o papel principal.
- 3. Limita o papel do computador a um mero formulador de testes, ignora as outras funções igualmente válidas funções que são muito relevantes no ensino comunicativo.
- 4. Sugere que exista apenas um "método computacional", e está intrinsicamente ligado ao método audiolingual. A ênfase na correção formal fez com que muitos rejeitassem (erroneamente na nossa opinião) o papel do computador até como formulador de testes.





- 5. Implica também em uma relação unilateral entre o aprendiz e a máquina, a qual usualmente não é nem prática, nem desejável.
- 6. Implica ainda, que os computadores possam ser oniscientes, o que eles não são".

Assim, do ponto de vista pedagógico os programas (por exemplo, alguns coursewares em CD Rom) que enfatizam somente a estrutura da língua assumem o computador como máquinas de ensinar do tipo Skinneriano.

Os programas educacionais por computador - PEC / Computer-aided instruction (CAI), tinham, em seu início, uma série de lacunas pois eram elaborados por 'experts' em computação, sem conhecimentos de metodologia e de linguística. Enfim, o lado pedagógico era muito limitado. O CAI dentro dos métodos tradicionais proporciona: exercício e prática, tutoriais e demonstrações. Em outra fase, utilizando outros métodos menos tradicionais, o CAI passou a oferecer as simulações e jogos educacionais.

Não queremos dizer com isso que estudar as estruturas da língua não seja importante, queremos sim afirmar que só isso não é o suficiente para nos comunicarmos em uma língua estrangeira. Temos que usá-la dentro de um contexto real e o professor deve proporcionar, segundo Krashen (1988), um 'insumo compreensível' rico, tentando trazer o mundo para a sala de aula através de situações - problema em que o foco da atividade está na tarefa em si e não na linguagem usada para realizá-la, favorecendo, portanto, a aquisição da LE.

Não queremos dizer também que a utilização do computador a serviço do ensino tradicional não tenha sido importante, mas ao contrário, seu uso foi um salto muito valioso para novas etapas, tornando os exercícios que eram feitos nos livros didáticos de forma enfadonha, muito mais interessantes e motivadores. Foi uma forma de fazer algo familiar de forma não familiar, usufruindo da paciência do computador, além de um dado técnico importante; os programas de exercícios tipo múltipla escolha ou preenchimento de lacunas eram muito mais fáceis de serem elaborados.

Mesmo sendo pouco explorado (anos 80), o computador como recurso didático no ensino de LE era uma grande inovação que despertava grande interesse e motivação nos alunos, pelas inúmeras possibilidades por ele oferecidas.





6

Essa fase inicial (abordagem tradicional), onde o computador era usado como tutor, isto é, o computador servia simplesmente para veicular informações aos estudantes, dominou o cenário até o início dos anos 1980, quando começou a ceder lugar às novas possibilidades.

Somos conscientes de que as mudanças tecnológicas são muito velozes e de que graças a elas, pesquisadores no ensino/aprendizagem de LE vêm buscando novas alternativas e desenvolvendo programas mais comunicativos, aprimorando o seu uso para melhor ensinar. Ou seja, o aperfeiço-amento das técnicas computacionais a cada dia permite também inovações nos recursos didáticos para o ensino.

A visão mais atual, com a qual concordamos e da qual compartilhamos, consiste em apresentar o computador como um recurso didático flexível, utilizado pelo professor e pelos alunos, dentro ou fora da sala de aula para vários propósitos. Deve ser usado como um "communicative partner" (parceiro comunicativo) ao invés de "taskmaster" (planejador de tarefas). As atividades devem ser variadas conforme seu objetivo que deve ser pré-fixado. Quanto mais integrado com o trabalho normal de sala de aula, mais relevante será e o próprio aluno descobre essa relevância.

No contexto de sala de aula, o uso do computador raramente deve envolver um único aluno, ou seja, as atividades devem ser planejadas sempre para grupos de alunos, pois os comentários entre alunos possibilitam maior interação entre alunos/professores/máquinas e maior aprendizagem.

Com a necessidade de repensar constantemente a forma de ensinar, visando à participação do aprendiz na construção de novos conhecimentos, o despertar de um saber crítico, consciente, estimulando sua curiosidade em conhecer o mundo, possibilitando oportunidades para que o aluno se desenvolva intelectualmente, culturalmente, afetivamente e socialmente, os programas educacionais passaram a ser elaborados buscando esses objetivos.

O ensino de LE também evoluiu e, baseada em teorias de aprendizagem e em teorias linguísticas, a abordagem comunicativa vem defender o uso da língua e não simplesmente a prática das formas dessa língua (*"the 'use' of language rather than 'usage"*, Widdowson, 1978).

Almeida Filho (1989) diz que a abordagem comunicativa "organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse ou necessidades do aluno para que ele se capacite a usar a língua alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes - usu-ários dessa língua".





Nessa abordagem, o aluno aprende a ver o significado social das estruturas gramaticais e as tarefas são elaboradas e centradas na resolução de um problema comunicativo. A aprendizagem é voltada para o aluno, respeitando suas diferenças individuais (motivação, capacidades intelectuais e afetivas), sociais e econômicas. Com isso, o ensino deve partir do conhecimento já adquirido pelo aluno, suas experiências e vivências.

O uso das tecnologias de informação e comunicação pode colaborar no ensino de LE, seguindo essa abordagem comunicativa, pois têm possibilidade de oferecer situações reais, propor atividades interativas, simular contextos e trabalhar as quatro habilidades (compreensão, leitura, produção oral e escrita) de forma viva e autêntica.

Segundo Raschio (1986, p. 508) a "aprendizagem de línguas assistida por computador fará com que o uso da língua alvo tão natural quanto possível, será feita de tal forma que quando os aprendizes participarem de atividades mais amplas, em situações reais, o aprendiz que faz uso de um programa, terá uma transferência mais fácil e pertinente para a tarefa comunicativa".

Underwood (1984, p. 52-54) apresenta algumas premissas para o ensino comunicativo de LE através do computador. São elas:

- 1. "O objetivo do "CALL" comunicativo é a prática da aquisição ao invés da prática da aprendizagem. Isso quer dizer que o foco será centrado mais no uso das funções comunicativas do que na forma. Não haverá "drills".
- 2. A gramática estará sempre implícita no texto. As explicações gramaticais podem acontecer. No entanto, não serão testadas pelo computador na forma tradicional.
- O "Call" deve exigir criatividade.
- O "CALL" comunicativo não irá testar e avaliar o aluno o tempo todo.
- 5. Será evitado dizer a todo momento que o aluno está errado. Se ele errar, o programa deve ajudar o aluno a resolver a questão, dando exemplos e direcionando-o para a forma correta.
- 6. Não haverá no programa mensagens de congratulações tolas, os alunos se sentirão premiados no final quando conseguirem solucionar os problemas apresentados.





- 7. Usará exclusivamente a língua alvo.
- 8. Será flexível. Os programas não mais devem ser rígidos e mecânicos.
- 9. Possibilitará que o aluno explore o tópico. Deve proporcionar ao aluno um ambiente no qual ele possa 'bricar' com a linguagem e manipulá-la. Cita Paper que criou uma controvérsia ao dizer, em seu livro "Mind-storms" (1980), que a criança deve programar o computador e não vice versa. Diz ainda que ela deve ser seu próprio guia quando 'navega' no programa
- 10. Devem incentivar o uso da língua alvo. Os alunos em sala de aula não devem trabalhar sozinhos, mas em grupos, ou pares, para que possam trocar idéias, discutir na língua estrangeira, proporcionando mais oportunidades de interação e de prática da língua alvo.
- 11. O programa deve proporcionar muito mais que um livro.
- 12. E, acima de tudo, o ensino comunicativo intermediado pelo computador deve ser prazeroso e atraente. E finaliza dizendo que "nós precisamos deixar o estudante explorar, experimentar, aprender (e gostar de aprender), sem a preocupação obssessiva de avaliação constante que parece bloquear muito do que acontece na educação"

 1. Tradução da autora.

Quanto às teorias de ensino/aprendizagem é importante salientar que hoje, as propostas educacionais estão voltadas para o aluno e centradas no processo de aprendizagem. Isso ocorreu após a constatação da inadequação do papel centralizador do professor, inadequação da atenção ao produto percebendo a língua somente enquanto sistema formal e a inadequação da ênfase no ensino sem a preocupação com a aprendizagem.

É imprescindível o envolvimento do aprendiz e seu papel deve ser ativo interpretando cognitivamente as novas experiências evoluindo seus esquemas e conhecimentos. Essa construção de conhecimentos deve ser realizada em um ambiente propício que contribua para o acionamento dos comportamentos e estruturas cognitivas e afetivas.

O ambiente de ensino caracteriza-se por ser um espaço de exploração, descoberta, colaboração e reflexão, no qual os problemas a serem trabalhados devem ser significativos aos alunos.





tema

O papel do professor é complexo. Ele deve ser preparado para ser um facilitador da aprendizagem e não somente um repassador de conteúdos e informações. Vários outros aspectos são exigidos do professor, que deve ser agente transformador, mediador, colaborador, co-construtor e criador de um ambiente propício. Deve ainda, conhecer o conteúdo a ser ensinado e técnicas computacionais, desafiar, instigar a dúvida, compartilhar problemas e procurar soluções. Dessa forma, ele estará mudando sua postura filosófica, resgatando a verdadeira finalidade da Educação e proporcionando aos seus alunos condições para que eles lidem com o conhecimento em busca de autonomia, enquanto seres humanos.

Para o professor esta mudança de mentalidade, na qual ele divide as responsabilidades com o aluno na construção da aprendizagem depende de preparo e muitas vezes é uma fase conflitiva². É uma mudança difícil tanto para o professor como para o aluno e esta dificuldade será maior ou menor dependendo do grau de conscientização e envolvimento de cada um.

2. Ler o texto Educar o Educador http://www.eca.usp.br/prof/moran/educar.htm (MORAN, S.d.).



Raschio (1986, p. 511) identifica seis papéis possíveis na prática do ensino de línguas, a saber:

- 1. "Facilitador: com o uso de computadores o professor pode subdividir a classe em grupos baseados nos diferentes interesses e habilidades, o professor pode tornarse um facilitador de comunicação com os mais variados grupos de aprendizes. O professor pode participar mais no processo de desenvolvimento do uso da língua compartilhando as atividades dos alunos. O professor é capaz de passar do papel de participante e aprendiz para ser uma fonte de informação ou autoridade na objetividade ditada pelas necessidades específicas do grupo.
- 2. O professor será um Avaliador do progresso e precisão dos tempos apropriados numa lição ou numa discussão(Raschio e Lange). Fornecerá 'feedback' de uma forma que levará o aprendiz a descobrir o uso apropriado através de exemplos e questões que contenham o uso correto da estrutura da língua.
- 3. Os professores precisam continuar sendo Diagnosticadores e encaminhar seus alunos a usarem o material apropriado para o desenvolvimento e ampliação da comunicação na língua alvo.





- 5. O professor pode precisar tornar-se um Técnico para que aprenda a otimizar as características do sistema do computador que está sendo usado promovendo a obtenção dos objetivos comunicativos.
- 6. Alguns professores tornam-se Elaboradores de programas, blogs, sites, com a finalidade de oferecerem à seus alunos material relevante e integrados ao curriculum para melhor satisfazer as necessidades dos estudantes ".

A mudança de atitude do professor "implica uma mudança de paradígma educacional, do instrucionismo para o construcionismo". A expressão 'construcionismo' foi cunhada por Papert (1986), referindo-se a construção do conhecimento através do computador.

Segundo Valente (1993, p. 33),

"na noção de construcionismo de Papert existem duas idéias que contribuem para que esse tipo de construção do conhecimento seja diferente do construtivismo de Piaget. Primeiro, o aprendiz constrói alguma coisa ou seja, é o aprendizado através do fazer, do colocar a mão na massa. Segundo, o fato de o aprendiz estar construindo algo do seu interesse e para o qual ele está bastante motivado. O envolvimento afetivo torna a aprendizagem mais significativa...Entretanto, o que contribui para a diferença entre essas duas maneiras de construir o conhecimento é a presença do computador".

De acordo com esta filosofia de trabalho, o aluno também terá que romper com os velhos hábitos de estudo. Não mais esperar que o 'conhecimento' venha pelas mãos do professor, mas deverá auto-dirigir-se e responsabilizar-se pela própria aprendizagem. Dentro desta perspectiva,

"o indivíduo é entendido pela epistemologia genética de Piaget como: um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que o mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possue um conhecimento transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito





que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, que constroi suas categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo' (FERREIRO; TEBEROSKY, p. 34).

Como decorrência de todas essas abordagens acima expostas, concordamos com Garret (1991, p. 75, tradução nossa) quando afirma que "o uso do computador não se constitui em um método". Ao invés disso, "é um meio em que uma variedade de métodos, abordagens e filosofias pedagógicas podem ser implementadas".

Apesar de fascinante, o uso do computador, bem como os outros recursos didáticos que utilizamos, deve ser planejado para que seja inserido nas atividades do curso. Como foi visto, trata-se de um instrumento moderno que cria ambientes propícios de aprendizagem. O professor deve, no entanto, ter em mente objetivos claros ao escolher os programas que serão utilizados dentro e fora da sala de aula.

Há inúmeras formas de se usar o computador no processo educativo. O professor poderá fazer com que os alunos trabalhem individualmente, em pares, em grupos ou em conjunto com a classe toda. Isso dependerá de quantos equipamentos estiverem disponíveis. Se houver apenas um computador, é aconselhável o trabalho com a classe toda. Esse computador pode ser conectado a uma tela ou ao "electronic blackboard", que deve ser de tamanho adequado à classe. As condições físicas são importantes e o professor deve adequar seu uso de acordo com a capacidade de concentração que os alunos possam ter diante de uma lousa eletrônica.

Nesse caso, o professor será o principal controlador da máquina, mas os alunos também deverão revezar-se em turnos para pressionar as teclas. A interação é muito exigida, pois, para a realização das tarefas, faz se necessária a ampla colaboração por parte dos alunos nas discussões sobre as tomadas de decisão para a resolução do problema, principalmente quando a atividade for um jogo (Ler o texto *Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias*).

Vamos refletir

A partir das leituras efetuadas até o momento, reflita sobre possíveis maneiras de promover a integração do uso do computador ao trabalho desenvolvido em sala de aula de modo que o processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa se torne mais significativo.





- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Alguns significados de ensino comunicativo de línguas. In: JORNADA DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, 4., 1989, São Paulo. **Anais...** São Paulo: APLIESP/FE-USP, 1991.
- Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.
- _____. Educação e informática: os computadores na escola. São Paulo: Cortez, 1988.
- CULLEY, G. R.; MULFORD, G. W. Foreign language teaching programs for microcomputers: a volume of reviews. Washington, USA: NFAH, 1983.
- GARRETT, N. Technology in the service of language learning: trends and issues. Modern Language Journal, Monterey, USA, v. 75, n. 1, p. 74-101, 1991.
- Harrison, R. The evolution of networked computing in the teaching of Japanese as a foreign language. **Computer Assisted Language Learning**, Japan, v. 11, n. 4, p. 437–452, 1998.
- JONES, C.; FORTESCUE, S. Using computers in the language classroom. New York: Longman, 1987.
- KRASHEN, S. Principles and practice in second language acquisition. New York: Pergamon, 1988.
- MORAN, J. M. **Educar o educador**. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/educar.htm>. Acesso em: 24 abr. 2011.
- MORAN, J. M. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias**. 2001. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm>. Acesso em: 24 abr. 2011.
- PAPERT, S. **Mindstorms**: children, computers and powerfull ideas. New York: Basic Books, 1986.
- RASCHIO, R. A. Communicative uses of the computer: ideas and directions. **Foreign Language Annals**, Iowa, USA, v. 19, n. 6, p. 507-513, 1986.





- VALENTE, J.A. (Org.). **Computadores e conhecimento**: repensando a educação, Campinas: UNICAMP, 1993.
- WIDDOWSON, H. G. **Teaching language as communication**. Oxford: Oxford University, 1978.

2.2 - A auto-aprendizagem e o ensino mediado pelo computador

Consciente da importância do trabalho extraclasse na formação de professores de línguas estrangeiras (LE) e pelo fato de acreditar que o ensino deve ser centrado no aluno, consideramos indispensável acrescentar a auto-instrução, utilizando-se dos recursos das TICs, no programa de ensino.

A fluência da língua, o letramento digital do docente e sua autoaprendizagem do inglês por meio do computador são essenciais para seu bom desempenho nas salas de aula em nossos dias.

Hoje, a tecnologia digital se encaixa aos novos paradigmas educacionais que se preocupam com o indivíduo enquanto um todo, capaz de resolver problemas e que possui diferente estilo de aprendizagem. Leva-se em consideração não só os fatores biológicos e mentais, mas também fatores físicos, sociais, econômicos e culturais do fenômeno educativo. Estudiosos vêm defendendo seu uso, colocando-a como colaboradora de um ambiente propício à construção da aprendizagem, uma vez que serve como veículo de conteúdos significativos, culturais e dá suporte a aprendizagem individualizada e cooperativa, contribuindo, desta forma, para o ensino mais humanizado.

Segundo abordagens construtivistas, comunicativistas e humanísticas, aprende-se melhor quando a prática pedagógica desencadeia um processo reflexivo no aluno, quando ele vivencia experiências, sente e atua em contextos significativos e real. A interação, o interesse, as necessidades, o prazer, as informações atualizadas e voltadas para áreas de projeto de vida dos alunos, são fatores que motivam a aprendizagem. É papel do professor proporcionar este ambiente favorável, para que o aluno construa seus conhecimentos.





Quando afirmamos que o ensino deve ser centrado no aprendiz, compartilhamos da ideia de que o sucesso da aprendizagem de línguas depende do desenvolvimento das suas capacidades mentais e intelectuais, bem como das habilidades de compreensão, reflexão e organização de conhecimentos, de materiais variados, de ambiente propício, de recursos que possibilitem que os alunos sejam vistos como pessoas singulares. Desta forma, o componente da autoinstrução torna-se necessário e é possível.

O ato de aprender é individual e o estudante ideal de línguas é aquele que é responsável pela sua aprendizagem, pela sua independência, pela sua capacidade de tomar decisões e assumir as responsabilidades tomadas. A autonomia é uma questão de grau ou de níveis. Nesse sentido, vários termos surgiram para denominar a autoinstrução: estudo com autonomia, aprendizagem independente, estudo reflexivo, aprendizagem auto-direcionada, aprendizagem auto-orientada, aprendizagem de auto-acesso, instrução individualizada e muitos outros.

Dickinson (1987), em seu livro Self Instruction in Language Learning, esclarece e define os termos:

- 1. Auto instrução : refere-se geralmente à situações nas quais o aprendiz trabalha sem o controle direto do professor.
- 2. Auto Direção: esse termo descreve uma atitude particular frente a tarefa de aprendizagem, na qual o estudante aceita a responsabilidade de decidir sobre sua aprendizagem, mas não necessariamente se compromete à implementação destas decisões.
- 3. Autonomia: este termo descreve a situação na qual o aprendiz é totalmente responsável por todas as decisões com respeito à sua aprendizagem e à implementação destas decisões. Na autonomia completa não há envolvimento do professor ou de um instrutor. Ele é livre para escolher seu próprio material e trabalhá-lo.
- 4. Semi-autonomia: denomina convenientemente o estágio na qual os estudantes estão se preparando para autonomia.
- 5. Materiais para auto-acesso: são materiais preparados e disponíveis para auto-instrução.
- 6. Aprendizagem de auto-acesso: isto significa auto-instrução através do uso destes materiais. O termo é neutro em relação a auto-direção ou ao estudo monitorado pelo professor.





tema

8. Dickinson (op. cit) explica que

O termo auto-direção, é diferente dos outros da lista acima, no sentido que se refere à atitude mais do que à técnicas ou mesmo modelos de instrução. Aprendizagem de auto-acesso ou instrução individualizada, por exemplo, refere-se a modelos de aprendizagem e portanto são consideradas como atividades do aprendiz, o professor e sua interação. Aprendizagem auto-dirigida, em contraste, descreve uma atitude para aprender, na qual o aprendiz aceita a responsabilidade pela sua aprendizagem mas, não necessariamente cumpre todas as tarefas. Portanto, um aprendiz pode ser auto-direcionado e ainda pode participar de uma aula convencional conduzida pelo professor; ou seja, um aprendiz auto-direcionado pode seguir qualquer um dos possíveis modelos de auto-instrução. Nos últimos dez anos a auto-instrução tem aumentado e progredido tanto em teoria como na prática, devido à proliferação das facilidades que colaboram para isso. Hoje muitas escolas oferecem centros para estudos individuais equipados com livros, gravadores, fones de ouvido, vídeos e computadores. No Brasil, por exemplo, o Conselho Britânico tem financiado junto às instituições públicas, espaços desse tipo (DICKINSON, 1987, p. 11- 12).

Jones (1995) coloca que a autoinstrução, talvez, possa ter se originado na afirmação radical de Ivan Illich quando afirmou que grande parte da aprendizagem significante acontece fora da sala de aula. Neste ponto de vista, a abordagem comunicativa no ensino de LE colaborou com o conceito ao enfatizar a mudança de ensino que antes era centrado no professor para centrar-se no aluno. O ensino centrado no aprendiz assume que nem tudo que um aluno precisa, pode ser ensinado na sala de aula (NUNAN, 1988, p. 3).

A aprendizagem efetiva de LE depende da capacidade do aprendiz tomar para si a responsabilidade de aprender independentemente do professor. Os alunos devem reconhecer suas





dificuldades e preencher suas necessidades. O modelo de Completa Autonomia exige que o aluno saiba decidir o que é melhor para ele. É desejável também que ele tome a iniciativa sobre o material didático e recursos mais apropriados. Para que se consiga este grau de autonomia, o aluno deve ser preparado para atingir esse estágio.

Miller, Rogerson e Revell (apud JONES, 1995), sugerem um "self-access supermarket", ou seja, um centro organizado de forma que seus usuários possam obter com facilidade os materiais, que devem estar catalogados e arrumados em prateleiras acessíveis.

O sistema ideal de estudo individualizado é aquele que permite ao estudante ter o controle de seus estudos conforme seu próprio desejo e no qual o professor oferece orientação àqueles que precisam, dando liberdade total para aqueles que conseguem ter completa independência.

O estudo de auto-acesso esbarra em alguns obstáculos, colocando-se em primeiro lugar dentre eles os problemas culturais. Em muitos países a independência do aluno vai contra as tradições e convenções da educação e nesse caso, torna-se conflitante.

No Brasil, principalmente no ensino básico, até pouco tempo atrás, o aluno era totalmente dependente do professor na grande maioria das escolas. As discussões eram pouco incentivadas e, muitas vezes, o aluno tinha receio de ousar. Ele ficava esperando as ordens do professor que transmitia as informações. Neste caso, os alunos devem ser preparados para uma mudança de hábitos que pode ser difícil, necessitando um longo trabalho de conscientização e adaptação.

Em alguns países como, por exemplo, a Tailândia, pode ser também difícil impor uma mudança educacional como esta, por promover um comportamento conflitante com a cultura nacional.

Cada centro de estudo de auto-acesso deve conhecer seus usuários, suas tradições culturais, seus antecedentes educacionais, sua tradição em estudo, para poder planejar as facilidades e serviços a serem proporcionados aos seus alunos.

A demanda pelo sistema de autoinstrução tem aumentado por diversas razões, destacando-se entre elas a falta de oportunidade dos alunos para frequentar cursos especializados de línguas e a não adequação do horário dos cursos e compromissos particulares Contam muito ainda as diferenças individuais: atitudes, ritmo individual, diferentes estratégias e estilos cognitivos ou de aprendizagem, diferentes necessidades dos alunos, disponibilidade, além dos recursos tecnológicos que estão à disposição no momento.





A educação *on line* pode ser definida como uma abordagem de ensino e aprendizagem que utiliza a internet e seus aplicativos no contexto educacional. Isso significa fornecer suporte ao professor e ao aluno e propiciar um ambiente favorável tanto na sala de aula como extraclasse e no ensino à distância.³

3. Vale a pena ler o texto "Como utilizar a internet na educação" http://www.eca.usp.br/prof/moran/internet.htm (MORAN, s.d.)



A Internet vem despontando como uma nova forma de promover um ensino centrado em práticas comunicativas. Paiva (2001) declara que:

Usar a Internet no ensino de inglês é um desafio que demanda mudanças de atitude de alunos e professores. O aluno bem sucedido não é mais o que armazena informações, mas aquele que se torna um bom usuário da informação. O bom professor não é mais o que tudo sabe, mas aquele que sabe promover ambientes que promovem a autonomia do aprendiz e que os desafia a aprender com o(s) outro(s) através de oportunidades de interação e de colaboração (PAIVA, 2001, p. 95).

Por que utilizar a internet no ensino? De que forma o computador como instrumento mediador pode colaborar nessa empreitada?

Em 1995, MacManus fez a seguinte observação:

A internet fornece acesso a vídeos, mas não com a rapidez de um videoteipe, de uma televisão ou de um Cd-rom. Proporciona uma interação pessoal em tempo real, mas não tão bem quanto o telefone ou videoconferência. Dispõe de textos e informações, mas não é tão fácil de manejar como um livro ou uma revista. Então, por que a internet deve ser usada? (MACMANUS, 1995).

A Internet tem duas grandes vantagens sobre todas as outras mídias. Ela combina vantagens das outras mídias de forma a transmitir imagens e sons que nenhum livro é capaz; é mais interativa que um videoteipe e, diferentemente do Cd-rom, pode ligar e contatar pessoas em qualquer lugar do mundo a um baixo custo. A segunda vantagem, que freqüentemente é subestimada quando se discute a internet como um sistema de distribuição, é que ela também





A internet é a maior e mais diversa fonte de informação no mundo de hoje. É possível incorporar a riqueza de informações disponíveis na rede a qualquer programa de curso.

Com todos esses recursos o computador como meio educacional provocou um questionamento das abordagens, dos métodos e das técnicas de ensino. Essa é a mais importante vantagem que vemos em seu uso. Sendo o computador um instrumento que proporciona sons, imagens, hipertextos, recursos para comunicação síncrona e assíncrona, propicia ao professor, o grande arquiteto das transformações do ensino, desenvolver o ensino qualitativamente e centrá-lo no aprendiz.

As potencialidades da combinação computador e internet se configuram em um amplo território para construir, destruir, aprender, ensinar, achar, perder, praticar. Todavia, da mesma forma que se visualizam potencialidades, é necessário, também, ter em mente que limitações e barreiras existem e que esta amplitude deve ser desfrutada de forma responsável e organizada.

A grande responsabilidade do uso da internet na educação está nas mãos do professor, que além da escolha da abordagem de ensino e aprendizagem, tem que saber selecionar as informações desejáveis entre as milhares disponíveis; deve ser crítico e julgar a pertinência e a procedência dos 'sites'. O professor tem que ter em mente que, apenas, colocar à disposição do aluno toda essa informação não significa colaborar no seu processo de aprendizagem, pois sabe-se que a informação por si só não produz aprendizagem, não produz uma nova conduta e a 'web' não foi concebida somente para instruir, mas também para distrair, condicionar e seduzir (ver trabalhos sobre midiologia de Régis Debray).

O correio eletrônico ou e-mail tem sido grandemente utilizado como ferramenta preciosa no ensino da modalidade escrita da língua. De acordo com Paiva (2001), inúmeras pesquisas vêm indicando a relevância de atividades que se utilizam de chat e e-mail para promover a aquisição da língua alvo em oposição ao ensino formal de estruturas linguísticas.





Wang (1993, p. 33-34) identificou algumas vantagens para a escolha do e-mail enquanto canal para a troca dos diários dialogados, a saber:

1. O e-mail é conveniente.

tema

As barreiras de lugar e tempo podem ser facilmente superadas pelo e-mail. Alunos e professores não precisam estar fisicamente juntos para que a comunicação se estabeleça.

2. O e-mail possibilita comunicação autêntica e direta entre o aluno e o professor com um *feedback* rápido.

A comunicação através do e-mail é bastante ágil; assim sendo, existe fluência na comunicação entre os dois parceiros. Ao escrever, tanto o aluno quanto o professor aguardam, com ansiedade, a resposta de suas mensagens.

3. O e-mail pode expandir a audiência na comunicação.

A troca dos diários comumente é feita entre alunos e professor; entretanto, outros agrupamentos são possíveis como, por exemplo, entre alunos que aprendem a mesma LE e compartilham da língua materna.

4. O e-mail facilita o processo de escrita.

O computador oferece artifícios diversos para melhorar a qualidade e agilidade do contexto 'lápis e papel'. Daiute (1985) citado por Wang (1993, p. 34) considera que escrever através do computador significa usar a máquina como lápis, borracha, máquina de escrever, impressora, tesouras, cola, cópia, arquivo, bloco de notas e correio.

Problemas com caligrafia e organização também são facilmente disseminados ao se utilizar o e-mail enquanto meio tecnológico da prática escrita. O e-mail ultrapassa as limitações, não somente físicas, mas também psicológicas que o meio ´lápis e papel` impõe aos alunos, limitações causadas pela artificialidade das tarefas a serem desempenhadas.

O professor, utilizando-se da internet, deve propor tarefas que possibilitem aos aprendizes atividades mentais que estabeleçam novas relações para a construção de conhecimentos.





A partir de sua experiência, liste duas vantagens e duas desvantagens a respeito da utilização da internet no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Referências:

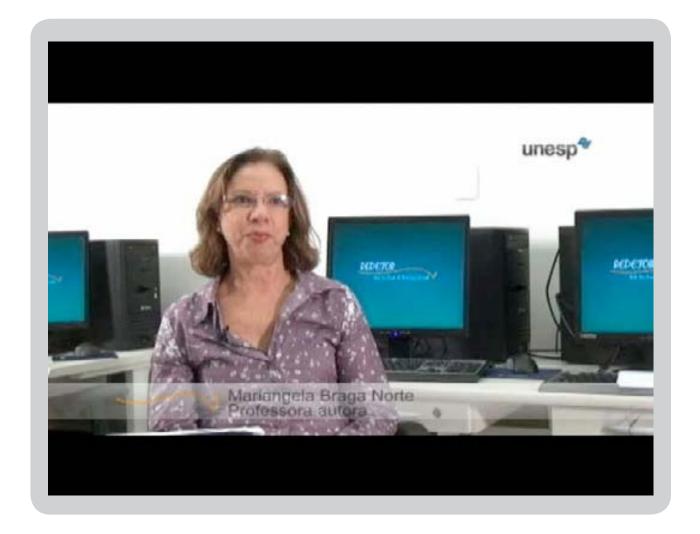
- DEBRAY, R. **Deus, um itinerário**: material para a história do eterno no ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DICKINSON, L. **Self instruction in language learning**. Cambridge: Cambridge University, 1987.
- JONES, J. F. Self-access and culture: retreating from autonomy. **ELT Journal**, Oxford, v. 49, n. 3, 1995.
- MACMANUS, T. F. **Delivering instruction on the world wide web**. 1996. Disponível em: http://www.csuhayward.edu/ics/htmls/Inst.html>. Acesso em: 05 abr. 2011.
- MACMANUS, T. F. Special considerations for designing Internet based education. In: TECHNOLOGY AND TEACHER EDUCATION ANNUAL, Charlottesville, USA, 1995. **Annals...** Charlottesville, USA: AACE, 1995.
- NUNAN, D. The learner-centred curriculum. Cambridge: Cambridge University, 1988.
- PAIVA, V. L. M. A WWW e o ensino de inglês. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 1, n.1, p. 93-113, 2001.
- WANG, Y. M. E-mail dialogue journaling in an ESL reading and writing classroom. Unpublished doctoral dissertation. Eugene, USA: University of Oregon, 1993.





Ficha da Disciplina:

Recursos Midiáticos e Comunicação Oral



Daniela Nogueira de Moraes Garcia



Rozana Aparecida Lopes Messias











• Rozana Aparecida Lopes Messias

Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003) e doutora em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Marília (2009). Atualmente é professora assistente-doutora de prática de ensino e estágio supervisionado de língua e literaturas espanholas I e II e prática de ensino e estágio supervisionado de língua e literatura francesa I e II na UNESP-Assis. Trabalhou como professora de Língua Portuguesa na Educação Básica de 1993 a 2005. Atuou em universidades privadas ministrando as disciplinas de Prática de Ensino de Língua Estrangeira e Língua Portuguesa, de 2002 a 2009. Também, na Educação Superior, ministrou as disciplinas de Língua Portuguesa, Linguística, Teoria da Comunicação, Didática, Informática aplicada à educação, Didática para o ensino à distância etc. Atuou, principalmente, nos seguintes temas: formação de professores, ensino de línguas, linguística aplicada, tecnologia e ensino de línguas.

Daniela Nogueira de Moraes Garcia

Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003)- UNESP-Assis e doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010)- IBIL-CE/ UNESP - São José do Rio Preto. Atualmente é professora do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis e ministra aulas de Língua Inglesa sob o enfoque instrumental. É professora assistente doutora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP- Assis e ministra aulas de Língua Inglesa e Prática de Laboratório de Língua Inglesa. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, novas tecnologias, práticas telecolaborativas, ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras em tandem, formação de professores.

Mariângela Braga Norte

Livre-docente em Língua Inglesa pela Universidade Estadual Paulista. Pós-doutorado em Leitura na University of Leeds, Inglaterra, 2007. Pós-doutorado em Ensino a Distância na University of Pittsburgh - EUA - 1998/1999 - bolsista da FAPESP. Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997).), Mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1992). Graduação em Turismo pela Faculdade do Turismo do Morumbi (1975), graduação - Licenciatura Plena - Português / Inglês - Faculdades Integradas de Marília (1984), graduação em Pedagogia Habilitação em Administração Escolar pelo Instituto Educacional de Assis (1988). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Marília, no Departamento de Ciência da Informação e professora da disciplina TICs aplicadas ao ensino presencial e EAD, no curso de Pós-Graduação em Educação. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em LinguísticaAplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas a Educação, Formação de professores, Leitura e Educação a Distância.







Pró-Reitora de Pós-graduação Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Cláudio José de França e Silva Rogério Luiz Buccelli Ana Maria da Costa Santos

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp) Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - sub-coordenador

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília) Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo Valentim Aparecido Paris Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira Guilherme de Andrade Lemeszenski Marcos Roberto Greiner Pedro Cássio Bissetti Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe
João Castro Barbosa de Souza
Lia Tiemi Hiratomi
Liliam Lungarezi de Oliveira
Marcos Leonel de Souza
Pamela Gouveia
Rafael Canoletti
Valter Rodrigues da Silva